

ESTUDOS SOBRE A NOÇÃO DE DESPESA

(parte menos 1)

| Julia Amaral | Adriana Barreto & Bruna Mansani | Diego de los Campos | Aline Dias | Yiftah Peled | Raquel Stolf |
| Claudia Cárdenas & Rafael Schlichting | Fernando Scheibe | Ana Lucia Vilela |
Curadoria de Roberto Moreira Junior (Traplev Planificações)

Exposição Museu Hassis de 22 de agosto a 17 de setembro de 2008

Florianópolis - SC - Brasil

O projeto parte de uma reflexão sobre a "Noção de Despesa" proposta por Georges Bataille (1896-1962) em seu livro "A Parte Maldita". Bataille parte do princípio de que o sol dispensa sua energia (riqueza), sem nada em troca. *O sol dá sem nunca receber. A irradiação solar tem como efeito a superabundância da energia na superfície do globo. Nós acumulamos essa energia dentro dos limites fornecidos pelo espaço que lhe é acessível.*(...)

O autor aborda alguns costumes de civilizações antigas que corroboram sua teoria de que o desperdício de energia no mundo, a perda, o dispêndio - e não a produção - são o (des)fundamento de uma economia geral.

A partir dessa investigação, propõe-se uma reflexão sobre similaridades do conceito de Bataille com o fazer artístico disponibilizando uma área livre para exhibir, intercambiar, procurar, doar, exceder e somar questões pertinentes a um estudo sobre algumas "noções de despesa".

A idéia é localizar pontos nas obras e ações realizadas, por mais contrários que se mostrem, para uma discussão sobre a prática de arte, não focada em uma estética ou linguagem, mas num campo ampliado do cotidiano em que as práticas artísticas e essa abundância de energia atuam.

O Projeto sobre a "Noção de Despesa" foi pensado em três partes independentes, que dialogam entre si, são eles: a curadoria (parte menos 1), 2008; a edição especial da publicação *Recibo* (parte menos 2), 2007/2009; e uma série de trabalhos individuais (parte menos 3), 2007/2009.

A curadoria concentra onze participantes entre artistas, cineastas e pesquisadores que na maioria vivem e trabalham em Florianópolis. Os dois cineastas são Claudia Cárdenas & Rafael Schlichting, a pesquisadora é Ana Lucia Vilela com formação em Economia e Mestrado em artes e Doutorado em História e Fernando Scheibe que é Doutor em Literatura na UFSC e Pós-Doutorado pela Unicamp. Fernando tem na sua pesquisa desde o Mestrado um estudo sobre a obra de Georges Bataille, sua tese de Doutorado chama: "Coisa nenhuma: ensaio sobre literatura e soberania (na obra de Georges Bataille)", atualmente Scheibe é professor do curso de Letras do Instituto de Natureza e Cultura (Polo Alto Solimões), da Universidade Federal do Amazonas, para esta exposição foi convidado a escrever um artigo sobre Bataille contida neste Impresso especial sobre a mostra em questão.

Claudia e Rafael (1961 e 1980), lançam na exposição (em duas sessões programadas), o vídeo documentário "Cruz e Sousa - a volta de um desterrado" (20 minutos), que registra a vinda dos restos mortais do poeta (1862 - 1898), a sua cidade natal. Neste vídeo fica evidente a transparência de uma quase ficção da realidade, com associações-chaves para este projeto, que se resume entre restos, sobras e luxos no contexto social e político das coisas. A produção do vídeo, completamente independente, com "apoios" e autorizações político culturais, registram peculiaridades e "encenações" de um processo burocrático formalista de atores de interesses ocasionais e excedentes.

Com o contexto da exposição sendo constituída, as artistas Adriana Barreto & Bruna Mansani (que começam a trabalhar colaborativamente a partir de 2004), desde a primeira reunião apresentaram a idéia do trabalho em torno de uma "Sem Noção de Despesa". Com o desenvolvimento de outros afazeres das artistas e em uma visita a uma papelaria da cidade, as duas artistas encontraram blocos de "Vale Despesa" e o "Relatório de Despesas", que foram a partida para pensarem e proporem com a colaboração do curador. Foi então que surgiu, numa conversa no carro (entre eu, Bruna e Adriana, 1977, 1979, 1969), indo para a pizzaria no Rio Vermelho (\$38 da pizza mais cervejas), o formato do formulário (\$40 da impressão de 4 blocos e dois carimbos +\$5 do ônibus), com seus "dados" "Sem Noção de Despesa" para ser preenchido por todos os agentes do circuito de arte envolvidos na exposição: artistas, curador, instituição, público e participantes (palestrantes, críticos e convidados, etc) entre outros interessados....

"Performance situation specific" (\$888 da reflexão de idéias + conversas jogadas fora + impressão da dissertação com a idéia total), é o termo que as artistas denominam suas

ativamente das propostas que são convidadas. No trabalho para esta exposição, que se desdobrou no formulário "Sem Noção de Despesa", as artistas e o curador, desenvolvem esse "dispêndio contabilizado" dentro de outro campo da esfera pública que não da natureza do excedente de energia orgânica, mas em um comentário humorado e sarcástico da própria condição do fazer artístico pautado muitas vezes na doação.

Yiftah Peled (1964), dentro desse contexto físico do desperdício de uma economia geral ou do excedente de luz e energia (\$150 de idéias descartadas), o artista propôs, a inserção de duas intervenções: "Fantasma" de 2006 como distribuição de etiquetas adesivadas que correspondem a um caso específico (passado), de gerência cultural em Florianópolis, muitas vezes relacionado ao luxo entre "viagens e charutos" e o trabalho realizado especificamente para a mostra chamado "Passaporte", no qual o artista intervém no "passaporte turístico" do Governo do Estado de Santa Catarina fazendo atravessar em suas páginas pintadas de preto, uma estrela recortada que remetem a múltiplas entradas, desde a menção do excedente em propagandas, até a imagem simbólica da luz sendo sugada pela estrela no sistema solar... Bataille relaciona logo no início de seu texto, esse princípio do sol de emanar sua energia, sua luz, sem nada em troca e é nessa exuberância de luz incessante que principia muitos fatos e acontecimentos ao longo das civilizações abordadas pelo autor (os sacrifícios humanos ao Deus-Sol no México, as guerras, o potlatch, entre outros), que faz refletir a origem de toda reação, quer seja, natural; na biodiversidade do planeta e do sistema solar; ou nas modificações físicas e organizacionais feitas pelo homem na sociedade ou nas crenças religiosas dos diversos povos que estão e já passaram pela Terra. No trabalho "Turismo Definitivo" de Yiftah Peled, o artista comenta através da relação entre Política e Cultura, a evidência chave da publicidade nos jogos do poder como forma modificada em prol de interesses alheios e nesse sentido, o equívoco e a exuberância são uma questão de ponto de vista.

Julia Amaral (1978), se propôs a cultivar cerca de uns 50 girinos (\$88 do sonho perdido + gasolina para buscar girinos + \$20 do aquário), por cerca de mais de um mês em sua casa. Conversando com a artista, logo de minha chegada na cidade no início de julho, sobre a idéia de Georges Bataille do excedente de energia, do contorno disso na natureza, de como se procedia a esse "esbanjo" de energia solar nas plantas, insetos e anfíbios... "caímos" nos girinos. Julia vem pesquisando essa noção da perda através da fundição em metal de diversos insetos, pássaros, besouros, aranhas e também pequenas rãs. Nesse sentido, os girinos já rondavam as camadas de interesse da artista, que assumiu sua idéia "de girino" como uma incorporação da vida num abastamento do tempo em um retorno de energias despendidas pela natureza, resolveu então acompanhar o crescimento e o excesso acumulado no seu habitat natural para uma domesticação do excedente vigiado.

Esse contexto foi muito interessante, quando da primeira reunião (\$15 dos ingredientes do bolo de cenoura), com os artistas para apresentar a proposta da curadoria, depois de explicado o mote principal da mostra, sobre a "Noção de Despesa", proposta por Bataille (previamente também descrito por e-mail aos artistas convidados), a discussão por este dispêndio natural encontrado na flora e fauna domesticada, evidenciava-se nas propostas de trabalho de Julia Amaral, Raquel Stolf e Aline Dias. Num momento anterior, em conversa com Julia, encontramos na obra de Aline Dias (1980), diversos fatores relacionados aos restos, e desperdícios de um modo geral, desde seu "cubo de poeira", em que vem recolhendo na limpeza da sua casa desde 2004 (+ ou - \$160 das novas vassouras compradas ao longo de 4 anos + o tempo gasto para varrer), até a coleção de traças apresentada recentemente na Funarte do Rio de Janeiro em 2008, além de outra coleção de óleo de cozinha acumulado junto com Diego Rayck (\$99 de alguns dos óleos contabilizados + \$200 do tempo ganho e/ou perdido cozinhando e guardando os óleos). Poderia se estender em outros trabalhos de Aline Dias, que também remetem um pouco desse "desperdício" de tempo ou de sujeira, ou o acúmulo do desprezível no cotidiano, mas creio que a leitura de seu trabalho não passa somente por este ponto de vista da despesa, aliás, isso foi uma coisa que me motivou ao longo do processo da exposição. Porque não é intenção reunir algumas práticas de arte para comprovar a proposta de Georges Bataille simplesmente, muito pelo contrário. Juntando esses trabalhos e proposições, se evidencia o próprio princípio da produção artística que não se fecha em uma resposta, uma palavra, uma visão de entendimento. Neste sentido a exposição contribuiria num campo para se pensar o processo artístico e as práticas relacionadas também a uma certa noção de despesa. Aline Dias apresentará na exposição "Pulgas", um trabalho inédito de 2006. Nas palavras da artista: *"Pulgas" integra minha pesquisa que venho realizando através da coleta e concentração de restos do cotidiano e que depois são deslocados e organizados no espaço institucional. Nestes trabalhos existem uma forte tensão entre os restos e a configuração formal desenvolvida, problematizando a questão da proliferação, ordem e desordem e a insustentabilidade da forma. A coleta de pulgas começou em 2006 e vem sendo realizada até 2008 (apresentadas na mesma pequena caixa que costumo guardá-las durante esse processo de dois anos de coleta). Pulgas também destaca a inutilidade da própria ação de guardar e acumular algo tão irrisório.*

Raquel Stolf (1975), numa primeira conversa por telefone (\$5 da ligação), me contou da história da cigarra que no inverno vive primeiramente cerca de quatro anos em baixo da terra sugando seiva das raízes de árvores em fase de ninfa, e sai da terra a partir dos meses de outubro e novembro, para cantar, reproduzir, colocar 600 ovos e morrer. Na proposta de Bataille na qual ele parte do princípio em que o sol emana sua energia sem nada em troca, percebi muitas margens paralelas com alguns trabalhos de Raquel. Uma das obras apresentadas durante a exposição será a micro-ação sonora da Cigarra na Praça XV em Florianópolis que ocorrerá durante 15 minutos numa tarde de sol intenso, onde a artista carregará uma mochila branca com caixas de som portáteis com o som da cigarra... Um trabalho que tinha em minha memória de Raquel Stolf, era uma série de desenhos de continhas de somar, diminuir e dividir com palavras, publicados no seu cd de proposições sonoras, FORA [DO AR] de 2002. Neste sentido, Raquel se reapropriou do seu trabalho apresentando na exposição, uma edição de

novos panfletos (\$100 da impressão dos trabalhos), para distribuição ao público e mais a disponibilização em pequenos papéis “degradê” do preto ao cinza do carimbo escrito “grátis”. Dentro desse contexto a artista desdobrou esses desenhos em possíveis intervenções sonoras especialmente para a noção de que fala Bataille, nas diversas interpretações que remete os trabalhos de Raquel Stolf (\$90 do tempo ganho). Outro trabalho que a artista me contou e que pode ser que tenha ocorrido somente naquele momento na descrição por telefone, (como também foi a proposição sonora das continhas), foi uma gravação do silêncio do caixa eletrônico em um dia de domingo... No final Raquel decidiu em mostrar apenas uma das proposições sonoras, a que ela fez especialmente para a ocasião chamada “bolso v.”

Na exposição, Ana Lucia Vilela (1972), aparece como uma “A-artista”, como fala Allan Kaprow em seu texto “A Educação do A-Artista” (primeira tradução publicada na Revista Malasartes RJ de 1970), que tem muito a ver com o pensamento fora da arte como um “quase” não-artista. Kaprow evidencia neste texto de 1969, a relação das práticas artísticas da época com a produção de realidade, como as idas ao banco e aos supermercados, a arquitetura dos postos de gasolina ou os contatos de rádio com os astronautas na Estação Espacial Internacional com a na Nasa na Terra. Kaprow fala que há mais interesse, como proposição artística em muitos destes episódios cotidianos, do que em muitas ações realizadas por artistas nas exposições em galerias e museus naquela época, claro que dentro do ponto de vista de um artista, e neste contexto vale-se a idéia como objeto de arte. Foi neste sentido, do texto-conceito de Allan Kaprow, que convidei Ana Lucia, formada em Economia na UFSC, com Mestrado em Artes Visuais pela UFRJ e Doutorado em História, pesquisando a Bio-política na obra do Helio Oiticica e Lygia Clark na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Em conversa com Ana Lucia, (\$11 da pizza com os artistas da última reunião), ela me falou da relação entre as duas esferas (economia e arte), e achei interessante o contexto que Ana comentou da Economia, não como uma ciência exata, mas de uma ciência dependente da fé. *Refletindo sobre as crises econômicas que arrastaram sociedades inteiras em suas diversas épocas, acredita-se numa crise geral de fé na moeda.*

Nas palavras de Ana Lucia Vilela, (...) *mesmos quando há fome, muita miséria, guerra, etc, se a fé na moeda se mantém, existe uma certa estabilidade, mas se a fé na moeda se esvai, af a crise se estabelece. E parece que as imagens têm um caráter parecido com o da moeda, elas são intercambiáveis. Talvez não as imagens, mas a visualidade. A visualidade, assim como a moeda não tem nenhuma essência, é pura aparência, e é preciso ter fé nelas, reconhecer ali algo que diga uma outra coisa que não ela mesma**. Para a exposição “Estudos sobre a noção de despesa”, entre nossos diálogos, Ana definiu mostrar umas fotografias que ela vem colecionando nas suas idas ao Rio de Janeiro na Feira da Praça XV, onde diversas pessoas colocam a venda os mais diversos artigos impregnados de valores mínimos e simbólicos, *há um ato de desespero de quem coloca essas peças ali pra vender com a esperança, com a fé de que aquelas coisas consumidas tenham valor ainda pra alguém. Esse ato de desespero é também um certo ato de amor por essas coisas; querer lhes restituir um valor. Esse amor vê algo naquelas peças que ninguém vê. Aquelas coisas ali esperando alguém têm um certo*

A parte maldita segundo G.B.

Fernando Scheibe

A questão do valor é a mais importante e mais enganadora que podemos nos colocar. Em relação à arte. Em relação à vida.

Assim como a questão “o que é?”, a questão “o que vale?” e, pior ainda, “quanto?” traí da maneira mais sórdida o que se quer colocar.

Entretanto, inevitável. Além de ser o animal que vai ao cinema, é o homem aquele que se pergunta pelo valor: de um filme, de um poema, de um quadro, de uma montagem, de uma exposição, de um momento, de uma pessoa, de uma vida, de todo e qualquer texto.

A razão econômica responde à questão do valor pelo viés da utilidade. Vale o que é útil. O que serve para. A subsistência do homem. A construção de uma sociedade mais justa.

Sem jamais negar a necessidade de comida e justiça, Georges Bataille demonstrou que isso, que pode parecer muito aos olhos de um mundo ainda faminto e, mais do que nunca, injusto, não vale nada.

O que é útil, o que serve para, não pode encarnar o valor, intransitivo por definição. O que realmente vale, não pode servir para nada, não pode subordinar-se a nada, tem que ser soberano. Mas “O principal é sempre o mesmo, a soberania não é NADA (RIEN)”. (Georges Bataille, La Souveraineté)

Tutaméia.

É preciso afastar aqui qualquer afirmação de poder. Soberana é a barriga sem o rei. O soberano bataillano nada rege. Perde-se. Gasta-se. Dilapida-se. Goza sem objeto. Entrega-se - à fonds perdu - ao momento presente, rompendo a cadeia que constitui no tempo a identidade de um eu.

« A vida humana, distinta da existência jurídica e tal como tem lugar de fato sobre um globo isolado no espaço celeste, do dia à noite, de uma região à outra, a vida humana não pode em caso algum ser limitada aos sistemas fechados que lhe são assinalados em concepções razoáveis. O imenso trabalho de abandono, de escoamento e de tempestade que a constitui poderia ser expresso dizendo-se que ela não começa senão com o déficit desses sistemas: ao menos, o que ela admite de ordem e de reserva não tem sentido senão a partir do momento em que as forças ordenadas e reservadas se liberam e se perdem para fins que não podem ser subordinados a nada de que seja possível prestar contas. É somente por uma tal insubordinação, mesmo miserável, que a espécie humana cessa de estar isolada no esplendor sem condição das coisas materiais » (Georges Bataille, La part maudite)

O verdadeiro valor é aneconômico. Rompe o círculo vicioso da troca. Mas nada institui em troca. Sacrifício em que tudo é vítima. Dom. E o dom é o impossível por excelência.

O último artista a entrar na exposição foi Diego de los Campos (1971), através de seu trabalho realizado em 2006, chamado "Desenhos de um real", em que o artista explicita em seu texto sobre o trabalho, que é um projeto *work in progress*, surgindo da necessidade de resolver a situação econômica do artista. Sendo assim, Diego identifica certos pontos para alcançar um salário digno como artista produzindo um desenho em menos de 3 minutos, com o seguinte cálculo: em uma hora o artista consegue fazer 20 desenhos, em oito horas 160 desenhos, trabalhando 25 dias por mês o artista alcança seu objetivo de fazer 4000 desenhos vendendo a 1 real cada, o "trabalhador" ganharia os R\$ 4000,00 (quatro mil reais). Para a exposição o artista produziu os desenhos ao vivo (por cerca de três horas, aproximadamente fez 50 desenhos), e na medida que foi desenhando foi vendendo aos interessados, no fim deixou na mostra o que sobrou dos desenhos e um "limite de exploração" no ar. Neste trabalho Diego de los Campos, evidencia em um comentário provocativo a situação em que se vê o artista diante das instituições e da sociedade que sugam trabalhos e idéias dentro de um sistema giratório de doação: doação de tempo, doação de trabalho, doação de valor. Claro que em muitas dessas situações o próprio artista é cúmplice, pois aceita tais regras e participa dessas esferas de negociação. A forma direta e auto-exploratória que fala a obra de Diego da noção de ganho, de perda, de desperdício, da soma de valores, adicionou ao contexto da exposição para discussão, essa camada do conceito das práticas artísticas hoje, que se faz refletir no conjunto da Curadoria "Estudos sobre a Noção de Despesa" entre obras, textos, diálogos e "desperdícios ganhos".

Total mínimo das Despesas Comprovadas e Não Comprovadas: \$1600 para cada artista e participantes cobrindo custos de material e pró-labore e os diversos itens do formulário "Sem Noção de Despesa", \$2000 para o curador cobrindo os gastos de hospedagem e conta de luz + as esperas nos pontos de ônibus e passagens + telefonemas perdidos + as idéias descartadas, \$6000 para a Instituição produzir o próximo desdobramento (parte menos 2) da exposição, \$1000 para cobrir custos de um jantar especial para os artistas com bebidas, entre outros luxos etc.

(valor de câmbio turismo para venda de Reais para: Euro 2,58 e Dólar: 1,73)

Agradecimentos:

Ao Museu Hassis por ter aceitado o projeto fora de seu cronograma e acreditado no potencial desta proposta, contribuindo para o desenvolvimento da produção contemporânea de arte no Estado de Santa Catarina. Fernando Scheibe por ter aceitado gentilmente o convite para escrever o artigo sem remuneração e a todos os artistas participantes pela dedicação e disposição em participar da exposição sem orçamento.

Roberto Moreira Junior

(Traplev Planificações)

Florianópolis, 22 de agosto de 2008.

<http://traplev.multiply.com>

impresso "parte menos 1" - 1000 exemplares (desenhos raquel stolf)



FUNDAÇÃO HASSIS

crítica de Bataille - retomada por Derrida em seu *Donner le temps* - ao "Ensaio sobre o dom" de Mauss: o potlatch, por mais espetacular que seja, por essa própria espetacularidade, é uma forma de troca, magnânima talvez, mas nunca um dom.

Dom, sacrifício, ânus solar, embriaguez, deus, soberania, baixo-materialismo, acefalia, despesa, para lá do útil e do sério, jogo maior, experiência interior, erotismo, revolta, não-saber, consumição, parte maldita: Bataille era o primeiro a ver num tal deslizamento o signo da insuficiência de qualquer designação.

Pior. Além de não poder ser nomeado, esse nada que é tudo, inútil valor soberano, não pode sequer ser buscado. Não há trabalho, esforço, paciência, dedicação ou mesmo astúcia que possa garanti-lo. Recusa-se ao mundo do projeto, do conhecimento e da ação.

A arte é essa busca (do) que não pode ser. Operação do inoperável. Obra de *désœuvrement*. Seu quinhão no mundo, é essa parte maldita parte do fogo onde se queimam os últimos poemas.

Aliás, foi talvez Maurice Blanchot¹, esse amigo tão próximo e ao mesmo tempo tão distinto de Bataille, quem mais longe levou as conseqüências desastrosas - de seu pensamento:

« Dar, não é dar alguma coisa nem mesmo se dar, pois então dar, seria guardar e salvaguardar, se o que se dá tem por traço que ninguém pode tomá-lo, retomá-lo e retirá-lo de você, ápice do egoísmo, astúcia da possessão. O dom não sendo o poder de uma liberdade, nem o exercício sublime de um sujeito livre, não haveria dom senão daquilo que não se tem, sob a necessidade e para além da necessidade na súplica de um suplício sem fim, lá onde não há nada, salvo, fora do mundo, a atração e a pressão do outro: dom do desastre, daquilo que não se poderia pedir nem dar. Dom do dom - que não o anula, sem doador nem donatário, que faz com que nada se passe, nesse mundo da presença e sob o céu da ausência onde acontecem as coisas, mesmo não acontecendo. Eis porque, falar de perda, de pura perda e em pura perda parece, ainda que a palavra não esteja jamais salva, ainda uma facilidade » (Maurice Blanchot, *L'écriture du desastre*)

É a esse espaço, difícil, insustentável insaisissable, diria Ângela Pralini, que se lança esta exposição.

¹ A partir de cujo texto perguntava Levinas: « Como sair do Mundo? Como o Outro que Jankelevitch chama o absolutamente outro e Blanchot 'escoamento eterno do fora' pode aparecer vale dizer, ser para alguém sem já perder sua alteridade e sua exterioridade, por essa maneira de se oferecer ao olhar? Como pode haver aparição sem poder? » E afirmava: « Blanchot determina assim a escritura como uma estrutura quase louca, na economia geral do ser e pela qual o ser não é mais uma economia, pois não carrega mais, abordado através da escritura nenhuma habitação, não comporta nenhuma interioridade. Ele é espaço literário, vale dizer, exterioridade do absoluto exílio. »